

ANTROPOLOGIA PORTUGUESA

•
Número Especial

*Actas do II Colóquio
sobre a Investigação e o
Ensino da Antropologia
em Portugal*

Vol. 7
1989

MUSEU E LABORATÓRIO ANTROPOLÓGICO
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Pensamento Dogmático, Pensamento Positivista: O Governo Letrado das Relações Sociais *

Raul Iturra **

A produção da sociedade é o resultado da intervenção do homem com as suas ideias no mundo material. Esta hipótese é só uma forma conveniente de começar uma reflexão acerca das relações sociais; é no entanto uma escolha não inocente. A prática do processo de vida em qualquer cultura mostra que sem um plano para a acção não há actividade, não há processo. A antiga discussão sobre se é a matéria quem faz as ideias ou a consciência precede, é um caso arrumado, especialmente se do que falamos é de uma análise de um processo histórico - o da vida de um grupo social, por exemplo - e não da grande discussão de como a vida foi produzida. De facto a diferença entre a ciência social que nos precede e a que praticamos hoje, é que a preocupação com as origens humanas do humano acaba e passa a ser novo olhar como os humanos fazem o humano. Paraphrasing, no entanto, posso dizer que na produção do seu processo de vida, os homens que tenho observado e que a história mostra, parecem ter recurso de dois tipos de pensamento com que constroem as suas relações sociais: um que deriva de acreditar com base na observação dos fenómenos e a que chamo, por isso, dogmático; outro que provém da experimentação e da prova e a que chamo, por isso, positivista. Há um momento da história da Europa - já que é desta que se trata, em que parece acumular-se uma maior tendência para saber construir o pensamento que orienta as relações sociais, com base na prova. Mas o pensamento positivista tem um conjunto de regras que não chegam ao conjunto da população que continua a pensar as suas relações pelo dogma que, aliás, é cultivado por uma forma específica de entender a forma do homem estar na terra: o catolicismo, cujo objectivo é colectivizar o pensamento, mais do que formar indivíduos. Eu diria que há um momento em que se separa o governo dogmático das relações sociais destas próprias, e isso acontece quando se começa a teorizar acerca das coisas - formação da teoria económica. Entre uma época histórica onde a divindade é explicação e outra, onde as coisas são explicação, parece haver uma transição no processo histórico que é resolvida a favor do pensamento dedutivo. No entanto, a persistência das maneiras de organizar a vida social sobre o parentesco e crença, em lugares sociais historicamente específicos

* Resultados parciais de uma pesquisa pela J.N.I.C.T.

** Antropologia Social, ISCTE, Lisboa

mostra que, pelo menos, as lógicas existem.

É possível ver, em três aspectos do processo reprodutivo, como há níveis nos quais as pessoas recorrem às ideias da crença - o conhecimento previsto, para agir, enquanto que outros recorrem às ideias experimentais - o conhecimento fabricado. Em qualquer cultura e em qualquer época histórica de uma cultura, há três funções que parecem importantes para as problemáticas que o grupo social deve resolver: subordinar cada indivíduo ao grupo, substituí-lo como portador da memória na sua efemeridade e preservar e desenvolver os saberes com que as ideias acerca das coisas se transmitem em técnicas. A subordinação é feita pela educação, quer doméstica, quer em grupo, quer de como se classifica o mundo, quer de como se conserva. Neste sentido o saber aparece dividido entre o do especialista e o dos outros - no caso ocidental europeu entre o saber experimental que dá lugar à pedagogia, à biologia, à matemática, à medicina, ao direito, às ciências todas, que de forma mais exacta e pela sua capacidade de reproduzir fenómenos, passam a ter preponderância sobre outra forma de ordenar as ideias; e o saber que as ordena pela relação entre a capacidade de empregar o corpo na transformação da natureza e os dados que desta se percebem. A subordinação de um indivíduo ao social não é feita só com base nas ideias educativas - que seria o sistema que socialmente se pensa ser aquele pelo qual se faz - mas é feito com base numa teoria que colectivamente confere qual a utilidade das pessoas antes de educá-las ou não e em quê - e que no caso da Europa é feita nos últimos trezentos anos com base no que é a teoria reprodutiva que se baseia no lucro e sua acumulação. Mas, dizer isto, é o que todos sabemos, é o que consiste a ciência social, praticamente: explicar os resultados do processo histórico de acumulação, enquanto se estuda ex-colónias, escola, família, parentesco, etc. O que fica por resolver, no caso europeu é como é que, e o que age uma população que não tem acesso ao conhecimento experimental e faz a sua própria subordinação, ou sistema de subordinação do indivíduo social. Conhecemos o dado macro-social do que a educação estatal por meio da escola e da alfabetização faz, do que a educação da igreja por meio da catequese faz. Não conhecemos a forma substitutiva com que o pensamento dogmático arquitecta a integração do indivíduo no social, a epistemologia que é elaborada como teia cultural nas diversas conjunturas que o grupo atravessa. Voilà uma questão.

Se a integração do indivíduo no social suscita um caminho de inquérito para conhecer elementos do pensamento dogmático que concorrem com o experimental na criação da sociedade, a substituição em tempo útil de indivíduos que sabem e vão desaparecer mas cujas ideias precisam ser preservadas em função da continuidade histórica, suscita pelo menos três questões: a da substituição mesmo, com os meios expressos em ideias e artefactos; o treino, que é dado através do processo educativo referido; e a conservação do estado adequado das capacidades, quaisquer que elas sejam com as quais um indivíduo pode finalmente ensinar, por um lado, e aprender, por outro, e que eu chamaria o cultivo do corpo e da saúde. A morte dinamiza, como limite certo ou como dado empírico evidente na história social, uma forma de arranjar a vida. Conta-se, no entanto, na forma dogmática com a esperança de que todas as pessoas vão nascer, algumas vão viver um tempo determinado e de uma maneira determinada. Entre o nascimento e a morte

acredita-se que, ou conta-se com que cada indivíduo vá ter um número capaz de anos em que vai exercer determinadas funções, como é fazer filhos, trabalhar, gerir, tomar conta, transmitir - e para isso cada um procura os meios ao seu alcance ou por ele sabidos. Esta forma de cumprir a função é acompanhada de um cuidado pelas condições do corpo e da mente, o que desenvolve uma teoria que orienta os cuidados. A teoria não está com os especialistas locais que o folclore descreve: um saber de especialistas não permite a administração dos próprios recursos, a teoria de como manter as condições de trabalho que tanto produzem como reproduzem o social, parece ser um saber muito mais espalhado pelo conjunto da população e que é tão vulgar que acaba por ser fútil investigar, porque já lá está. Sabemos a complicada teoria do que se passa a seguir à morte, mas eu penso que a morte é o facto final de um processo que se vem preparando no decorrer da vida, onde activamente se pratica uma teoria que corresponde ao cultivo da expectativa de contar com um indivíduo determinado, das funções que pode fazer - é-se pessoa da puberdade até à velhice e desde que se saiba trabalhar e reproduzir - funções bem especificadas e que se prendem com a teoria de sociedade que subordina as pessoas com um propósito. Voilá outra questão.

Se a subordinação leva a perguntar qual a teoria educativa do pensamento dogmático, e a substituição qual a teoria da conservação dos recursos - entre humanos capazes de produzir e reproduzir - que o pensamento dogmático tem, uma terceira questão fica em aberto, que é a da preservação e desenvolvimento das ideias com que se age na construção do social. A função de preservar e desenvolver é uma técnica que está para além de pessoas e grupos e que se tem materializado em técnicas verbais e artefactos, em culturas ou partes de culturas, ou mesmo em relações sociais que ao definirem estruturas, definem papéis; em técnicas escritas em que o saber fica desprendido das pessoas que o produzem e o transportam; e, fundamentalmente, em especialistas que experimentam e produzem ideias a que chamamos, para a Europa, cultura letrada - e para outros lugares, magia, feitiçaria e outros. É possível que o saber do especialista seja aparentemente partilhado pelo conjunto da população, mas de facto o que ele sabe e como sabe permanece no grupo iniciado, circulando para o resto uma teoria vulgar, com a qual a teoria do especialista é interpretada. Esta função é desenvolvida, eu diria, em paralelo ou ao pé do que é o pensamento dogmático, uma forma de entender o conjunto dos saberes que, experimentados, governam os indivíduos e as suas relações. Desde a época dos mosteiros que experimentam com sementes, águas, constelações teologicamente interpretadas, até à laicização do saber quando a teologia passa a chamar-se ciência, a função do especialista é comunicada ao povo que aprende pela confiança, pela hierarquia, pelo sagrado, pela eficácia, pela sujeição que o pensamento experimentado produz no dogmático. Mas, ou nem todo o saber do especialista é um pensamento que desenvolve todos os aspectos que concorrem na construção quotidiana do processo de vida, ou as formas especializadas ficam muito longe do entendimento, parece que não abatem de vez as formas dogmáticas que servem de canal para o processo de lembrar, em grupos sociais que na medida em que têm na memória é que continuam, onde a teoria de educar e de cuidar e preservar, dadas as funções de subordinar e substituir, acompanha uma teoria de preser-

var e desenvolver as ideias e recursos usados no processo reprodutivo, dadas as funções técnicas. Voilà uma terceira questão.

Vários assuntos se me colocaram, à laia da conclusão tentativa. Um, parece-me que pensar em evolução de ciência a partir da religião e da magia, não tem uma realidade para além da teia da cultura: é dizer que, o que se chama à maneira de produzir saber, depende de quem manda. Segundo, é evidente que há um minuto, uma época histórica que deixa livre forças que tiram ao homem o papel central na força necessária para animar a natureza - desde esse dia pôde pensá-la e agir intermediado pelas máquinas sobre as quais se faz uma teoria que chamamos de económica. Terceiro, que o mundo não parece estar dividido em domesticado e selvagem, nem em letrado e oral, senão que entre os grupos sociais que estão treinados numa forma de saber que tem por limites lógicos de técnica de construção o experimento e a demanda da prova de tudo - testemunhas ou séries de controlo - enquanto que outro, treinado não no abstrair como os primeiros, mas no agir com uma teoria feita de elementos não comprovados, acredita e entende por meio de ver para agir, ouvir para dizer. Quarto, que as forças abstraídas dos fenómenos são mais precisas e podem reproduzir os fenómenos mais à vontade, mas não conseguem treinar o conjunto da população, nem está a ideia considerada na forma reprodutiva que consta com a organização diferente das actividades, onde o saber transmitido à margem do oficial rende um lucro absoluto: produz bens sem investimento. Quinto, que as formas de ciência são espalhadas por meio de pequenos sistemas que massificam partes das ideias - na escola, alfabetização, catequese ou outra - e que fornecem a ideologia de que todos sabem ou têm a teoria científica da cultura. Mas que, sexto, as formas positivas do saber que se desenvolvem ao pé de uma teoria do lucro, não entregam todos os elementos com que as funções sociais podem ser cumpridas e que este facto faz pelo outro: mantém o pensamento dogmático em funcionamento activo, quer no campo, quer na cidade, quer na Europa quer seja fora, já que do que se trata é de entender e desenvolver um processo reprodutivo.

É a subordinação de um saber conservado maioritariamente a um saber desenvolvido minoritariamente, no que consiste a reprodução social.